

O papel do professor perante o processo de aprendizagem de produção textual: a mediação docente

*Graziela Rodrigues de Oliveira¹, Fernanda Rocha Bomfim², Nalha Monteiro de Souza Lourenço³, Renata Herwig de Moraes Souza⁴, Anyellen Mendanha Leite⁵ 1. Graduação em Letras, Pró-Licenciatura, Câmpus Jussara, grazielaoliveira@outlook.com 2. (D/PG-PUC/GOIÁS) 3. (D/PG- PUC/GOIÁS) 4. (D/PG – CEPAE-UFG) 5. (D-UEG).

UEG – Câmpus Jussara - Rodovia GO 418, Km 1, Alto da Boa Vista.

Resumo: A presente pesquisa é desenvolvida no Programa de Bolsas Pró-Licenciatura, UEG- Câmpus Jussara, tem o intuito de verificar em escolas-campo o processo de ensino-aprendizagem de produção textual. Para entender esse ciclo é imprescindível assimilar as atribuições inerentes ao texto dentro das variadas situações de comunicação cotidianas. É papel dos docentes fazer com os discentes percebam que escrever um bom texto está além dos aspectos gramaticais, é preciso saber que antes de pensar em como escrever deve considerar-se o que escrever e para quem escrever, assim é primordial um conhecimento prévio do tema discutido. Por conseguinte este trabalho tem por objetivo revisar criticamente as diferentes perspectivas teóricas que fundamentam (ram) o ensino de produção textual no contexto educacional brasileiro, considerando princípios relevantes dos gêneros textuais discursivos e as perspectivas gramatical e interacionista. Para que a finalidade deste estudo seja atingida com êxito, a pesquisa se respaldará em teóricos que efetuam pesquisas na área discutida, como Antunes (2007), Marcurschi (2010), Possenti (1996), Bronckart (1999) e nos pré-requisitos do PCN (1998), dentre outros que abarcam esse estudo. Espera-se que o presente estudo possa contribuir fomentando conhecimento aos que subsequentemente se interessem pelo tema explanado.

Palavras-chave: Ensino. Mediação docente. Produção textual. Gramática.

Introdução

Diante das indagações da perspectiva da escrita atentando-se para a gramática, o estudo investiga se os usos dos gêneros em sala de aula dão suporte ao ensino de produção textual, em que a interação da linguagem dar-se no discurso, ou apenas como pré-texto para o ensino gramatical.

A ação encontra-se em andamento, com estudos de teóricos que abarcam essa temática, tendo como princípio o docente como mediador do conhecimento, sendo o ponto de partida para a aquisição de proficiências comunicativas.

Pretende-se deixar claro que para realização de uma produção textual deve elencar algumas pedagogias referentes prática de escrita, que requer vários conhecimentos, nos quais os docentes entendam isso como algo construtivo, servindo como incentivo para os alunos usar a prática discursiva para escrever.

Material e Métodos

A pesquisa é de caráter bibliográfico e de campo, sendo desenvolvida com bolsistas do Programa de Pró-Licenciatura em escolas do Ensino Fundamental I, como uma forma de reflexão sobre a verdadeira natureza da linguagem, sendo que a pesquisa encontra-se em andamento. Para reflexão do objeto pesquisado têm-se como métodos de pesquisa observações de aula, estudos e fichamentos de obras, produções de resumos e artigos científicos.

Resultados e Discussão

Quando se pensa em aulas de português é inevitável não pensar em gramática, ao considerar esse saber na sociedade contemporânea, subentende-se que ao conceber o ensino de língua, percebe-se que nem sempre as práticas de sala de aula reconhecem o uso efetivo da gramática, mas a partir do texto, não apenas como reprodução dos aspectos padrões da língua.

Para Antunes (2007, p. 53), “[...] não basta saber gramática para falar, ler, escrever com sucesso”, entretanto a perspectiva gramatical é uma importante dimensão do ensino de produção textual, tendo vista que o enfoque de estudo da Língua Portuguesa é fundamento sob alicerces gramaticais. Para ela, o paradigma gramatical está concentrado dentro e fora do âmbito escolar visto que os pais cobram da escola que ensinem a seus filhos as normas que regem a Língua Portuguesa, devido ao fato de realmente acreditarem que esse conhecimento é suficiente para ler, falar e escrever bem.

Em consonância a esse apontamento, destacam-se as ideias de Possenti (1996, p.50), que pontua que “o que já é sabido não precisa ser ensinado”, ao contrário disso, a língua é tratada como desconhecida, em que as instituições de ensino priorizam o ensino de gramática e não a língua em suas vicissitudes e heterogeneidades.

A partir da teoria de Piaget e Vygotsky, o interacionismo define-se como a interação que o indivíduo precisa ter com o meio ambiente para construir seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, sendo essa uma concepção que prioriza a análise dos reflexos do meio exterior no interior dos indivíduos.

Compreende a ideia mediante a participação tanto do sujeito quanto do objeto do conhecimento. Salientando assim a interação entre o indivíduo e a cultura, onde, é crucial que o indivíduo adentre em determinado meio cultural para que aconteçam mudanças na sua evolução, em que “[...] entender a linguagem como um instrumento semiótico pelo qual o homem existe e age implica interpretar os fatos de linguagem como traços das condutas humanas socialmente contextualizadas” (BRONCKART, 1999, p.101).

De acordo com a concepção Vygotskyana, o discurso é constituído pelos discursos do “eu” do “outro”, em que o discurso nessa concepção torna-se discurso de si, ou seja, em caráter extremamente interacional. Mediante esse processo de interação permite perceber o processo da fala, compreendendo-a no sentido amplo da atividade da linguagem.

Todo aprendizado é necessariamente mediado e isso torna o papel do ensino e do professor mais eficaz e determinativo. Ao internalizar um procedimento, o indivíduo se apropria dele, tornando-o instintivo e independente. A linguagem, enquanto instrumento do raciocínio, apresenta além dos aspectos da fala externa (discurso), a expectativa da existência da fala interior, que aconteceu quando o sujeito volta-se para o pensamento, exercendo suas funções psicológicas. A função primordial da fala é o contato social, sendo que a vivência em sociedade é essencial para o ser humano.

Enfatizando que o foco dessa concepção de aprendizagem está centrado no aluno. O professor assume o papel de orientador do processo de ensino-aprendizagem. O erro do aluno deixa de ser motivo de repreensão e a análise da imprecisão constitui um novo ponto de partida para que o professor possa saber até que ponto o aluno absorveu a matéria e assim, possa replanejar suas aulas de modo a abordar o mesmo conteúdo de uma forma mais inovadora e proativa.

O instrumento de ensino e, portanto, de aprendizagem é a sapiência linguística e discursiva com o qual o indivíduo opera ao participar das práticas

sociais mediadas pela linguagem. Sistematizar situações de aprendizado, nessa perspectiva, supõe planejar situações de interação nas quais essas informações sejam construídas ou tematizadas, organizando atividades que procurem restabelecer na sala de aula condições enunciativas de outros espaços que não o escolar, sabendo assim que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem realizam-se e se particularizam.

Para compreender o texto em sua dimensão discursiva é necessário entender alguns conceitos sobre tipo e gênero textual, pois como se sabe esse ainda é um grande problema no contexto escolar. Ao considerar tal problemática, destaca-se a princípio a relação entre tipo e gênero textual, em que para Marcuschi (2010), os tipos textuais remetem-se aos aspectos composicionais do texto, envolvendo os recursos lexicais, sintáticos e morfológicos da língua. Já os gêneros textuais materializa-se nas diversas situações sociocomunicativas.

Diante dessa nova perspectiva do ensino voltado para as especificidades comunicativas que estão inseridas e podem ser trabalhadas nos gêneros, entende-se que depende da escola sistematizar esse tipo de prática no seu âmbito, do professor compreender o que e como ensinar e também dos alunos para fazer uso dos instrumentos de trabalhos os textos e, entender, criticar e posicionar frente às demandas sociais, ou seja, serem cidadãos letrados, interagindo, de modo geral, com os fatores político-sociais.

Considerações Finais

Diante dos argumentos expostos percebe-se que todo o processo de produção de texto se inicia na escola por meio da interação que desenvolve um papel social com o aluno que através das práticas discursivas e com a gramática internalizada desenvolvem a escrita. Percebeu-se que o professor desempenha papel didático e pedagógico mediando às informações e direciona os alunos com relação aos tipos de discursos presentes nos textos, deixando visível a proposta da relação com o meio destacado pelo interacionismo, observando como isto influência nos gêneros textuais discursivos e sem deixar de lado as regras impostas pela gramática.

Em virtude dos fatos mencionados a produção da escrita apresenta-se como a junção dos produtos anteriormente citados, nota-se que a fala se materializa através da linguagem que se faz através de uma representação gráfica por meio da escrita. Desse modo, pretendeu-se esclarecer todo o processo da produção textual com mecanismos diversos. Diante disso, o docente como mediador necessita de uma formação e um novo olhar para a reescrita de textos, como tem sido abordado pelo PCN. Contudo a pesquisa buscou enaltecer que a interação do professor com o aluno voltado para uma perspectiva dos gêneros remete-se a construção e adaptação desse método.

Agradecimentos

Referências

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual: introdução**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**; trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. S.P: EDUC, 1999.

KARWOSKI, Acir Mário. GAYDECZKA, Beatriz. BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros Textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

POSSENTI, SÍRIO. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil. Campinas, São Paulo: 1996.